

O DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA NAS OBRAS DE SALÚSTIO E CÍCERO

Lydia Marina BARBOSA

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira

Resumo: O presente trabalho visa comparar os gêneros das *Catilinárias* de Cícero e da *Conjuração de Catilina* de Salústio. Para tal, trataremos da concepção ciceroniana de *historia*, como ela é definida por ele, classificaremos os dois textos segundo uma visão tradicional de gênero e, por fim, tentaremos demonstrar que essas obras não se inserem dentro de um estilo de texto apenas, embasando-nos em conceitos retóricos para justificar nossas afirmações.

Palavras-chave: Cícero; Salústio; História; Retórica; Literatura.

1. A CONCEPÇÃO CICERONIANA DE *HISTORIA*

Segundo Gaillard e Martin (1981), em *De oratore*, II. 51- 64, *De legibus*, I.2, na carta que escreveu a seu amigo Luceio (*Ad familiares*, V.12) e em *Orator* 66, verdadeiros tratados sobre o novo gênero *historia*, Cícero desenvolve sua teoria sobre ele, que os autores consideram como o verdadeiro fundamento da historiografia romana. Conforme Ambrosio (2002), no tratado *De oratore* tem-se a construção de um sentido para *historia* segundo a antiga retórica¹: ela surgiria a partir do gênero demonstrativo, ou seja, Cícero teoriza sobre a história, mas não a escreve como tal – i.e. como o que hoje conhecemos por história, uma ciência que busca fatos.

O modelo de História conhecido até então era o dos *Annales Maximi*. Estes eram arquivos pontificais que “de início, registravam acontecimentos considerados religiosos, tais como eclipses, secas, carestias, epidemias, presságios; em seguida, passou-se às crônicas dos fatos mais importantes do ano, sem nenhuma preocupação com a exorinação” (Ambrosio, 2002, p. 14). Muitos autores gregos e romanos optaram pelo modo de escrever dos *Annales – sine ullis ornamentis* (“sem ornato algum”). Os próprios autores da época viam a limitação dos anais. Ainda segundo Ambrosio (2002), a *historia* com a função

¹ Conforme a *Retórica a Herênio*, um conceito mais próximo para Retórica seria “a arte da persuasão”, não se tratando de ciência, buscando a verossimilhança não a verdade. Lembramos que são três os gêneros dos quais o orador deve se encarregar: o demonstrativo, o deliberativo e o judiciário. “O demonstrativo destina-se ao elogio ou vitupério de determinada pessoa. O deliberativo efetiva-se na discussão, que inclui aconselhar e desaconselhar. O judiciário contempla a controvérsia legal e comporta acusação pública ou reclamação em juízo com defesa” (*Rhetorica ad Herennium*, I. 2). Trad. Faria e Seabra (2005).

de exortar a moral estava limitada, devendo ser algo mais que a simples narração de acontecimentos. Portanto, a história como parte do gênero demonstrativo não era mais suficiente. Ela não deveria ter apenas a função de exortação moral na narrativa dos fatos: eles deviam ser narrados seguindo algumas técnicas de ornamentação. Cícero, em *De legibus*, I.2, expõe o fato de que a *historia* como *res exornata scripta* ainda não existia. Para Ático, em *De legibus*, I.2, Cícero era a melhor pessoa para fazer esse trabalho: escrever a *historia ornata*, definida anteriormente por ele. Para Gaillard e Martin (1981), a concepção ciceroniana de história poderia ser resumida pela fórmula *historia ornata*, uma historiografia ornamentada.

No *Orator* se fala sobre como devia ser o gênero de elocução da *historia* próximo ao gênero dos sofistas e distante do gênero judiciário:

[66] *Huic generi historia finitima est, in qua et narratur ornate et regio saepe aut pugna describitur; interponuntur etiam contiones et hortationes, sed in his tracta quaedam et fluens expetitur; non haec contorta et acris oratio [...]* (*Orator*, 66)

[66] A história se aproxima deste gênero, onde se narra ricamente e geralmente se descreve uma região ou batalha; ainda são inseridos discursos e exortações, mas nestes se exige certo discurso fluente e extenso, não este discurso obscuro e agudo [...]

Segundo Funari (2004), de fato, a reprodução desses discursos históricos são exercícios de Retórica, já que a História é filha direta daquela.

Em *Ad familiares*, V.12.2, carta que Cícero endereça a seu amigo Luceio propondo que este escrevesse a *historia* daquele, o orador propõe que Luceio não siga a ordem cronológica dos fatos e que comece logo sua *historia* tratando dele, Cícero, e de seu consulado. Este é um novo procedimento da narração, uma *inuentio* proposta por Cícero, que quebra os parâmetros sequenciais dos *Annales*.

O papel de Luceio era apresentar as *res gestae* do consulado de Cícero como se fossem uma *fabula*, a fim de que se crie no leitor o prazer da leitura; o *ingenium* e a *auctoritas* do autor (Luceio) tornariam a *fabula* (texto) digna da *fides* do leitor/ouvinte²:

Para Cícero, como percebemos nas cartas *Ad familiares*, a *historia* deve ter a capacidade de deleitar o leitor e fixar sua atenção. Essa capacidade oscila entre a *res* (do consulado até o exílio) e o *ingenium* de Luceio. O talento, a capacidade de Luceio, no entanto, vai além de saber “deleitar”, “agradar” e “ensinar” o leitor. Na opinião de Cícero, aquele deve também ter a habilidade de ornar sua narrativa com uma forma de linguagem apropriada. “O *ingenium* de Luceio deve também, para conseguir *delectare*, *placere* e *docere* o público, saber *ornare* esse tema com as *uerba* convenientes, com uma elocução digna da *res inuenta*” (Ambrosio, 2002, p. 28).

O papel do historiador é ser fiel aos fatos que narra, podendo utilizar as *uerba* convenientes (e também *ornare*) para agradar o público ou leitor, assim como o orador o faz. Sabemos que Cícero teorizou sobre a história, mas não a escreveu, passando essa tarefa a outros. Lembramos também que em Roma não havia historiador à altura, segundo

² O que se configura, evidentemente, como exemplo de recurso retórico.

os preceitos ciceronianos, por isso demora-se tanto para a história ser vista como a ciência que conhecemos hoje. Segundo Funari (2004), a historiografia iria florescer no século V a.C, na Grécia antiga. Porém apenas com Salústio, no século I a.C, que tivemos obras de destaque para a historiografia antiga romana.

2. A HISTÓRIA NA CONJURAÇÃO DE CATILINA

Teremos uma monografia histórica quando uma investigação histórica pragmática incide sobre um único fato (no caso, a conspiração), e esse é o caso da *Conjuração de Catilina*.

Salústio trata da *historia* utilizando o estilo breve, estilo esse que Cícero recusava. Gaillard e Martin (1981), no entanto, afirmam que é somente após a morte de Cícero que aparecem obras (históricas) maiores, como as monografias de Salústio, a história de Tito Lívio e as crônicas de Tácito: “com esses três autores, o gênero literário que Cícero fez nascer conheceu no séc. I a.C seu apogeu”³.

Autores como Mendonça e Ambrosio acreditam no texto de Salústio como obra de *historia*: em seus textos, “acontecimentos e palavras se consubstanciam para produzir a História” (Mendonça *apud* Silveira, 2003, p. 18). “(Salústio)... de modo, pode-se dizer ciceroniano, dará uma voz digna a esse gênero (*historia*)” (Ambrosio, 2002, p. 30). Conforme Gaillard e Martin (1981), Salústio é, com efeito, o historiador do que Syme chama de “evolução romana”.

Na obra, apresenta-se o personagem principal da história, Catilina, em forma de retratos. Estes, como outras formas de digressão, são feitos a fim de se concretizarem os pressupostos morais e teóricos do prólogo. O retrato de Catilina feito por Salústio é o exemplo da ausência de *uirtus*; já os de César e Catão são os casos exemplares, contrários àquele. Os retratos são uma forma de apresentar os personagens, característica da monografia histórica:

[5.1] *L. Catilina, nobili genere natus, fuit magna vi et animi et corporis, sed ingenio malo pravoque.*
[2] *Huic ab adolescentia bella intestina, caedes, rapinae, discordia civilis grata fuere ibique iuventutem suam exercuit.* [3] *Corpus patiens inediae, algoris, vigiliae supra quam quouquam credibile est.* [4] *Animus audax, subdolos, varius, quouius rei lubet simulator ac dissimulator, alieni appetens, sui profusus, ardens in cupiditatibus; satis eloquentiae, sapientiae parum.* [5] *Vastus animus immoderata, incredibilia, nimis alta semper cupiebat.* (De con. Cat. 5.1-4).

[5.1] Lúcio Catilina, homem de origem nobre, tinha grande força física e intelectual, mas uma natureza má e corrupta. [2] Desde a adolescência, agradavam-lhe as guerras intestinas, os assassinatos, as rapinas, as discórdias de cidadãos; foi nesse cenário que passou sua juventude. [3] Seu corpo suportava a fome, o frio, as vigílias, mais do que qualquer um pudesse acreditar. [4] De espírito audacioso, dissimulado, variado, era capaz de fingir e dissimular o que quisesse; desejava os bens alheios, desperdiçava os seus, ardia em paixão; de muita eloquência, de pouca sabedoria. [5] Seu espírito estava sempre cobiçando o descomedido, o extraordinário e aquilo que era muitíssimo elevado⁴.

³ “*Avec ces trois auteurs, le genre littéraires dont Cicéron suscitait la naissance a connu en un siècle son apogée[...]*” (Gaillard e Martin, 1981, p. 116).

⁴ Tradução nossa.

O método histórico salustiano é marcado pela modernidade e uma forte característica do seu texto é a despreocupação com os fatos cronológicos, uma vez que Salústio se interessa pela progressão da história, pela significação dialética dos acontecimentos, como observamos na *Conjuração de Catilina*; o acaso – *fortuna, casus* – não explica os acontecimentos, mesmo os incidentes. Sabemos, pela “definição” acima dada, que essa é uma característica daquilo que Cícero desejava que Luceio fizesse com sua história. A conjuração nos é apresentada seguindo uma ótica de causa e efeito, em que vão surgindo vários encadeamentos de fatos que convergirão na crise maior.

Embora tenha sido Cícero que criou um novo estilo histórico, foi Salústio que o representou em Roma.

3. O *INGENIUM* DE CÍCERO COMO *ORATOR* DAS *CATILINÁRIAS*

De acordo com Gaillard e Martin (1981), o maior trunfo de Cícero é seu talento de orador. Ele é o autor, por excelência, da antiguidade humanista, símbolo da literatura latina cujos escritos sobreviveram ao longo dos tempos, o homem eloquente, o criador da linguagem filosófica latina, o político desajeitado, o teorizador do discurso que moraliza a eloquência, o correspondente testemunhando suas ilusões, seus erros, suas esperanças. A eloquência não só lhe concedeu a possibilidade da ação política, mas também os meios de afirmar, através da escrita, o esplendor da personalidade romana. Cícero estava no auge de sua carreira quando proferiu as *Catilinárias*.

Conforme Fortes (2010), Cícero “(...) consolidou, em meados do século I a.C., um novo gênero literário em Roma – a Oratória” (p. 62). Segundo Cape Jr. (2002), a oratória era uma forma de equilibrar os interesses do senado, da classe dos *equites* e do povo, forçando-os a discutir seus interesses, mostrar suas posições e negociar diferenças diante de um público. Ela tinha sido, portanto, o veículo de reconciliação em Roma. Cícero publicou, então, seus discursos por aproximadamente vinte anos como uma forma de não ser esquecido, de ser imortalizado:

A oratória era o recurso natural que reconciliava esses interesses (balancear os competitivos interesses políticos e econômicos do senado, dos cavaleiros [*equites*] e do povo), pois o discurso público no fórum e no senado obrigava os partidos a discutir suas posições de acordo com valores comumente aceitos e negociar suas diferenças na presença de uma plateia. A oratória fora o meio tradicional de reconciliação pública entre facções rivais em Roma; no entanto, os discursos eram em si mesmos efêmeros, seus argumentos sujeitos às vicissitudes da memória. Como fizera por aproximadamente vinte anos, Cícero publicou seus discursos para assegurar-se de que estes e ele não fossem esquecidos⁵.

⁵*Oratory was the natural means to reconcile these interests [balance the competing political and economic interests of the Senate, equites, and the populus], for public speech in the forum and Senate compelled the parties to argue their positions according to commonly accepted values and negotiate their differences in the presence of an audience. Oratory had been the traditional vehicle for publicly reconciling competing factions at Rome; speeches themselves, however, were ephemeral, their arguments subject to the vicissitudes of memory. As he had done for nearly twenty years, Cicero published his speeches to ensure that they—and he—would not be forgotten (...)* (Cape Jr., 2002, p. 113-114).

Sabemos, como posto acima, que as *Catilinárias*⁶, de Cícero, se encaixam no gênero literário do tipo oratório, mas também pode ser classificado como epidítico⁷.

Cícero é o grande nome da eloquência. É através de seus textos que temos acesso à literatura e aos acontecimentos do século I a.C. Sendo mestre da oratória, Cícero nos deixou discursos como as *Catilinárias*, forte representante da eloquência que o orador, advogado e filósofo nos apresenta com sua maestria. Salústio, enquanto historiador, possibilita que tenhamos acesso a obras com um estilo próprio, diferente do ciceroniano, porém não menos elaborado.

Nesta investigação, discutimos os gêneros da *Conjuração de Catilina*, caracterizada como monografia histórica, fazendo parte do gênero História, e das *Catilinárias*, descritas como uma forma oratória e inseridas no que denominamos Literatura. Tentaremos demonstrar, porém, a partir daqui, que essa análise numa só direção acaba não explorando profundamente a riqueza que esses textos apresentam.

Após caracterizarmos as duas obras que aqui apresentamos brevemente, segundo uma concepção tradicionalista, onde um texto faz parte de certo gênero se apresentar uma ou mais características deste ou daquele, tentaremos, a partir de agora, mostrar a que os gêneros textuais não são formas engessadas, i.e. uma obra considerada histórica não precisa necessariamente apresentar características apenas do gênero historiográfico, podendo conter elementos da poesia, oratória, etc e vice-versa. O que pretendemos defender aqui é que pode haver gêneros mistos, e tanto a *Conjuração de Catilina* quanto as *Catilinárias* fazem parte de um gênero misto.

4. O “CASAMENTO” DOS GÊNEROS: LITERATURA, HISTÓRIA E RETÓRICA

Apesar de Salústio escrever o que chamamos de História, seu texto não deixa de possuir um caráter literário – e, por extensão, retórico –, uma vez que não apresenta apenas fatos e acontecimentos: ele nos conta a história “manipulando” a língua de modo a persuadir o leitor da validade de seu posicionamento político, moral e social – mas também para fugir da estilística ciceroniana, reconhecida e valorizada na época, mostrando-se em sua *elocutio* não só historiador mas também retórico. Chiappetta (1996, p. 26) afirma ser o texto de Salústio uma “monografia histórica retoricamente organizada”. Ora, os procedimentos retóricos igualmente utilizados por Cícero em seus discursos, por outro lado, também justificam uma aproximação entre o discurso histórico e o literário, i.e. retórico.

⁶ As *Catilinárias* fazem parte do grupo de “discursos consulares” de Cícero.

⁷ De acordo com a preceitística retórica, há diferentes tipos, gêneros (*genera*) de discursos que dependem do objetivo, assunto e público a quem é dirigido. Esses *genera* são: judiciário (*genus iudiciale*), deliberativo (*genus deliberativum*) e epidítico (*genus demonstrativum aut laudativum*). As características desse gênero se resumem a poder ser proferido em muitas ocasiões, sendo seu público também misto. Se o gênero judiciário se concentra no passado e o deliberativo no futuro, a ênfase do epidítico é o presente, alternativa para elogiar ou denunciar/acusar algo ou alguém. A parte mais importante desse discurso consiste na descrição da pessoa ou objeto (*Rhetorica ad Herennium*, 2005, cf. bibliografia).

Vemos em Dalpian (1994) que, para Cícero, a historiografia depende da oratória para se estabelecer como gênero, e a arte da palavra tem que considerar os conteúdos e exemplos daquela para se fundamentar. Portanto, elas se complementam. Cícero “vê como natural a transferência de *know-how* da oratória para outras áreas da arte e da ciência. É como se todos os gêneros literários gravitassem em torno de um só: a oratória” (Dalpian, 1994, p. 67).

Elton (*apud* Funari, 2002, p. 19) afirma que “a narrativa histórica requer, portanto, habilidades de exposição, explicação e persuasão através do uso das palavras”. Segundo Rowse (*apud* Funari, 2002, p. 19), “a História está muito mais perto da Poesia do que, em geral, se admite”.

Alguns autores defendem que a História, i.e. a composição da obra histórica, exige mais do que uma mera descrição de fatos (cronológicos) – é preciso utilizar-se de outras “artes”, como a poesia e a retórica, por exemplo, para se concretizar uma boa narrativa.

A oratória auxilia a história com seus recursos – conhecimento e conteúdo. O orador deve possuir *doctrina*, certa *natura*, certa *exercitatio* e a capacidade da *imitatio*. Dos dotes artísticos e do conhecimento universal, faz-se o homem mais habilitado para escrever a História, o orador. Desse modo, é imprescindível ao historiador que tenha conhecimentos oratórios.

Por outro lado, é necessário ao orador que possua conhecimentos históricos para fundamentar seu discurso. “Se a formação oratória (...) habilita para os campos literários, para as ciências em geral e, em particular, para a história, esta, por sua vez, deve também constar no currículo do futuro orador” (cf. Dalpian, 1994, p. 71). Percebemos, desse modo, uma complementação entre ambas.

Salústio “arquitetou” e planejou seu discurso de forma impressionante. Conseguiu unir numa mesma obra um vocabulário arcaico e conceitos retóricos que puderam ornamentar seu texto, dando àquela monografia histórica o aspecto, por assim dizer, de obra-prima.

Além de possuir elementos retóricos, as *Catilinárias* foram organizadas como determinam os manuais de Retórica, i.e. possuem *exordium*, *narratio*, *diuisio*, *confirmatio*, *refutatio* e *peroratio*. Cícero, como grande orador e retórico que era, mantinha seus discursos organizados de acordo com essa preceptística e obtinha grandes resultados ao proferi-los, uma vez que se acreditava que era por meio da Retórica que os ouvintes seriam convencidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TEXTOS ANTIGOS

[CÍCERO] (2005). Retórica a Herênio. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. Hedra, SP.

CÍCERO. (1958). As Catilinárias. Texto latino, ordem direta e tradução literal dos quatro discursos de Cícero contra Catilina de Maximiano Augusto Gonçalves. H. Antunes, RJ.

CICÉRON. (1996). Discours. Tome X. Texto estabelecido por Henri Bonecque e traduzido por Édouard Bailly. Les Belles Lettres, Paris.

SÊNECA/SALÚSTIO (1990). Tratado sobre a clemência. A conjuração de Catilina. A guerra de Jugurta. Trad. Antonio da Silveira Mendonça. Vozes, Petrópolis.

TEXTOS MODERNOS

AMBROSIO, R. (2002). “Cícero e a História”. Revista de História, n. 147, pp. 09-31.

AMBROSIO, R. (2005). *De rationibus exordienti*: os princípios da história em Roma. Humanitas, SP.

CAPE JR., R. W. (2002). Cicero’s consular speeches. In: MAY, J. M (ed.). *Cicero. Oratory and rhetoric*. Brill, Leiden, Boston, Köln.

CHIAPPETTA, A. (1996). ““Não Diferem o Historiador e o Poeta...”: O Texto Histórico como Instrumento e Objeto de Trabalho”. Língua e Literatura, n. 22, pp. 15-34.

DALPIAN, L. (1994). As monografias de Salústio à luz da teoria historiográfica de Cícero. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

GAILLARD, J; MARTIN, R. (1981). L’historiographie. In: *Les genres littéraires à Rome*. Scodel, Paris.

_____. L’éloquence. In: *Les genres littéraires à Rome*. Scodel, Paris.

FORTES, F. da S. (2010). “As Catilinárias de Cícero: uma análise discursiva”. Alétheia: Revista de estudos sobre Antigüidade e Medievo, v. 1.

FUNARI, P. P. A. (2004). “Retórica e argumentação, do mundo clássico ao nosso cotidiano”. Revista história e-história.